

FANTASIA, DESEJO E MÍDIAS SOCIAIS, UM OLHAR DA PSICANÁLISE¹

Amélia Campos Furtado*

Bianca Torno Bastos**

Isabela Maria Gonçalves Leal***

Rayana Talarico da Silva Lingordo****

Stetina Trani de Meneses e Dacorso*****

RESUMO:

Este estudo trata do conceito de fantasia abordado pelo enfoque psicanalítico e tem por objetivo investigá-la como realização alucinatória de um desejo que se realize por meio da realidade virtual. Esse fenômeno está presente na contemporaneidade e é observado nesta pesquisa por meio dos encontros e desencontros do sujeito nas mídias sociais, ou seja, nos relacionamentos virtuais. Discutimos como essa realidade distorcida interfere na constituição de sua subjetividade. A pesquisa está sustentada teoricamente por autores que baseiam seus estudos na obra de Freud e Lacan, a partir dos quais compreendemos a determinação de mecanismos inconscientes que dirigem o desejo para uma forma de relacionamento que compense a insatisfação do mundo real. Somos levados à compreensão de que essa prática se realiza em nossa civilização e dentro da história dela como um dispositivo que satisfaz de forma ilusória o desejo de ser feliz, próprio de toda humanidade. Finalizamos o estudo enfatizando a necessidade de se buscar o desejo de saber sobre o lugar que essas formas de comunicação e relacionamento ocupam na vida desse sujeito e como a mídia afeta as inter-relações na contemporaneidade, velando sua subjetividade e impedindo-o de ter acesso a novas maneiras de enfrentar suas dificuldades no dia a dia.

Palavras-chave: Psicanálise. Fantasias. Mídias Sociais.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo fará análise do conceito de fantasia a partir da teoria psicanalítica, buscando investigar as mídias sociais e seu lugar na contemporaneidade.

¹ Artigo recebido em 11/07/2016 e aprovado, após reformulações, em 27/10/2016

* Graduada do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. @: ameliafurtadoo@hotmail.com

** Graduada do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. @: bianca_ps_13@hotmail.com

*** Graduada do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. @: isabelaa.leal@hotmail.com

**** Graduada do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. @: raytsl.07@gmail.com

***** Psicóloga, Psicanalista, Docente do Curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Mestre em Literatura. @: stetina-dacorso@ig.com.br

Após traçar esse quadro, vamos refletir acerca do tema “Fantasia, desejo e mídias sociais, um olhar da psicanálise”.

Ao realizar seus estudos sobre histeria com Joseph Breuer, Sigmund Freud começou a elaborar o conceito de fantasia, observando que esse fenômeno era muito presente nas pessoas com essa organização psíquica, tanto no estado hipnótico como no de vigília. (FREUD, 1996a)

Elizabeth Roudinesco (1998) em seu Dicionário de Psicanálise define a fantasia como:

Termo utilizado por Sigmund Freud, primeiro no sentido corrente que a língua alemã lhe confere (fantasia ou imaginação), depois como um conceito, a partir de 1897. Correlato da elaboração da noção de realidade psíquica e do abandono da teoria da sedução designa a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens: fala-se então de fantasia originária. (ROUDINESCO, 1998)

Marco Antônio Coutinho Jorge sublinha o fato de a fantasia, assim como o sonho, servirem para a realização de um desejo, estando subordinados ao processo primário. O autor aponta a relação entre fantasia e tempo, em que um acontecimento do presente faz ressurgir um desejo do passado, levando o sujeito a buscar no futuro sua satisfação. As fantasias estão na origem das neuroses, sendo, portanto, precursoras dos sintomas. Desse modo, a análise busca chegar à fantasia que estava por trás do sintoma. (JORGE, 2010)

De acordo com Sigmund Freud (1996c),

O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali retrocede a lembrança de uma experiência anterior, na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. (FREUD, 1996c, p.153)

Ao abandonar a Teoria da Sedução, que considerava a origem da neurose no abuso sexual infantil, Freud passa a considerar o papel do desejo, articulado à alucinação na construção das representações psíquicas. Elabora, assim, que a percepção se encontra interligada à dinâmica psíquica, não havendo exata correspondência das representações com a realidade externa. Dessa forma, considerou a fantasia como experiências que produziram marcas inconscientes, mas

que não ocorreram de verdade, sendo o resultado da mescla de verdade e adulteração, tendo como objetivo a busca do prazer. (FREUD, 1996b)

O desejo para a psicanálise é um elemento absolutamente contingente, é uma falta nunca realizada. Elizabeth Roudinesco define desejo como:

Termo empregado para designar ao mesmo tempo, a propensão, o anseio, a necessidade, a cobiça ou o apetite, isto é, qualquer forma de movimento em direção a um objeto cuja atração espiritual ou sexual é sentida pela alma e pelo corpo. (ROUDINESCO, 1998. p.146)

Em Sigmund Freud, essa ideia é empregada no contexto de uma teoria do inconsciente para designar, ao mesmo tempo, a propensão e a realização da propensão. Nesse sentido, o desejo é a realização de um anseio ou voto inconsciente. (ROUDINESCO, 1998)

Ao renunciar à satisfação dos desejos, fato exigido pela cultura, o homem é educado para seguir o princípio da realidade ao invés do princípio do prazer. Entretanto, essas exigências têm como consequência a necessidade de compensação, obtida por meio da fantasia. Como afirma Freud:

O ego humano, como sabem, é, pela pressão da necessidade externa, educado lentamente no sentido de avaliar a realidade e de obedecer ao princípio de realidade; no decorrer desse processo, é obrigado a renunciar, temporária ou permanentemente, a uma variedade de objetos e de fins aos quais está voltada sua busca de prazer, e não apenas de prazer sexual. Os homens, contudo, sempre acham difícil renunciar ao prazer; não podem deixar-se levar a fazê-lo sem alguma forma de compensação. Por isso retiveram uma atividade mental na qual todas aquelas fontes de prazer e aqueles métodos de conseguir prazer, que haviam sido abandonados, têm assegurada sua sobrevivência – uma forma de existência na qual se livram das exigências da realidade e aquilo que chamamos de 'teste de realidade'. Todo desejo tende, dentro de pouco tempo, a afigurar-se em sua própria realização; não há dúvida de que ficar devaneando sobre imaginárias realizações de desejos traz satisfação, embora não interfira com o conhecimento de que se trata de algo não-real. Desse modo, na atividade da fantasia, os seres humanos continuam a gozar da sensação de serem livres da compulsão externa, à qual há muito tempo renunciaram, na realidade. (FREUD, 1996b p.373-374)

Nesse âmbito as realidades virtuais aparecem como um terreno fértil para a realização de fantasias sentidas como proibidas pela cultura. A rede surge com infinitas possibilidades e se constitui como objeto de desejo ao sujeito da insatisfação que a ela pode recorrer busca do saber e satisfação.

Essa premissa pode ser observada por meio da análise dos MUDS, mundos paralelos, que permitem a criação de um eu virtual e a realização de diversas

atividades, além da interação com outros usuários, tornando possível a elaboração de aspectos do eu, mas também a expressão de desejos inconscientes e forças pulsionais, podendo ser meio de repetição neurótica. (OTERO, 2013)

Este artigo tem por objetivo traçar a relação existente entre psicanálise, fantasia e mídias sociais, buscando analisar como o sujeito realiza suas fantasias por meio da realidade virtual. Este estudo é de grande importância pelo impacto que causa na subjetividade das pessoas e pela atualidade do tema já que existem poucos estudos referentes ao assunto.

2 MÍDIAS SOCIAIS

A pós-modernidade é marcada pela pluralidade e fragmentação das relações e da subjetividade, havendo uma mudança dos parâmetros que norteiam a humanidade. A característica marcante desse momento é a fluidez dos contatos humanos, das dinâmicas institucionais através da valorização da instabilidade e da mínima intervenção estatal. (FRIDMAN, 1999)

Zygmunt Bauman (2001) (2004), sociólogo polonês, introduziu o conceito “líquido” para tratar das mudanças ocorridas na contemporaneidade - amor líquido, modernidade líquida, relacionamentos líquidos –, permeadas pelas tecnologias digitais. O conceito líquido remete à falta de profundidade das relações, em que os sujeitos firmam compromisso com a liquidez, constituindo sua subjetividade dessa forma, já que estão inseridos numa sociedade líquida, onde nada é feito para durar. Mas como essa análise de liquidez pode influenciar a subjetividade contemporânea? Otero (2013) entende que as novas tecnologias agem diretamente na construção da identidade e da consciência do sujeito contemporâneo, permitindo que ele experimente e simule uma vida virtual.

A presença da comunicação de massa ocupa um lugar central, com o uso das mídias que combinam imagens, vídeos e sons, produzindo nos sujeitos contemporâneos um conjunto de sensações e impressões efêmeras. A sociedade constituída dessa forma leva as pessoas a se verem como *performers*, atuando numa

sociedade do espetáculo, onde a identidade é construída pelo material fornecido pela propaganda e pela cultura de massa (FRIDMAN, 1999) (OTERO, 2013).

Seguindo a lógica do consumo e a cultura de massa, é fácil entender por que a homogeneização dos indivíduos é tão conveniente ao mercado capitalista. Por exemplo, impondo por meio da mídia que bonito é ser magro, os mercados de roupas produziram apenas determinados tamanhos em vez de terem de se adaptar aos diversos tipos de corpos existentes. O problema se dá justamente nesse espaço, onde se inaugura o afastamento de si próprio e a anulação da subjetividade.

A imagem é o imperativo da sociedade pós-moderna, provocando uma cisão entre o real e o imagético, havendo um aprisionamento das necessidades e fantasias humanas nas imagens. O desejo interior das pessoas mescla-se ao que é propagado pelos meios de comunicação. O corpo ocupa um lugar de destaque nesse contexto, fato reforçado pelas propagandas e pelo discurso midiático, que se encarregam de criar novas necessidades, prometendo “soluções milagrosas” por meio dos produtos anunciados, constituindo estilos de vida baseados numa falsificação espetacular, isto é, da sociedade do espetáculo (FRIDMAN, 1999).

No discurso capitalista, os objetos tecnológicos exercem o fascínio e o seu papel é muito forte na constituição subjetiva dos jovens. Quinet (2010) cita o discurso capitalista como marcante em nossa sociedade. Segundo ele, esse discurso promove, através da falta de gozo, sujeitos insaciáveis pelo consumo de *gadgets*, que se tornam objetos do desejo.

Para Sherry Turkle (2012), as novas tecnologias possibilitam que o sujeito seja participante dinâmico na sua construção identitária, pois encontra na realidade virtual um espaço para experimentar aspectos de si impedidos pela cultura de expressão na realidade física. A autora aponta que a comunicação por meio dos dispositivos eletrônicos permite que as pessoas se apresentem como gostariam, pois as informações compartilhadas podem ser controladas, editadas, retocadas e deletadas, o que não ocorre em um encontro presencial.

Turkle (2012) chama atenção para a substituição da conversa pela mera conexão, o que compromete a capacidade de autorreflexão, afirmando ser por meio da

conversa com o outro que se aprende a conversar consigo mesmo. A autora destaca a íntima relação entre a solidão contemporânea e a tecnologia ao apontar o papel das invenções tecnológicas que oferecem aos indivíduos a sensação de não estarem sozinhos. Nesse sentido, considera que o dilema atual centra-se em esperar mais da tecnologia do que das outras pessoas.

2.1 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA FANTASIA E DO DESEJO NO CAMPO VIRTUAL

Espezim e Remor (2009) fazem uma articulação entre virtual em Pierre Levy e fantasia em Sigmund Freud, afirmando que o virtual consiste em uma força, uma potencialidade que determina um ato. O ato se refere a tudo que se atualiza, dando novo sentido. O virtual seria algo inacabado, algo que sugere, mas que não se revela totalmente e que leva à busca por uma verdade, concretizada através das operações da tecnologia que se constituem como meio de atualização do virtual, possibilitando o aparecimento de uma verdade *a posteriori*.

Ao definir o conceito de fantasia, Sigmund Freud (1996b) igualou os efeitos das realidades psíquica e material no psiquismo. De acordo com seu pensamento,

As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva. (FREUD, 1996b, p. 370).

Otero (2013) salienta a importância da fantasia como constituidora da subjetividade humana, ressaltando que o universo digital e virtual permitem ao sujeito ser coautor desta. A rede, vista como uma mãe democrática e permissiva, abre-se ao sujeito como cenário possível de atuações diversas, o que é facilitado pela redução dos riscos da exposição física proporcionada pelo anonimato. Os MUDS (Multi- user dungeons) são um exemplo de como, através da rede, o sujeito pode construir uma identidade virtual e submeter-se a diversas experiências em uma vida paralela. Esses mundos virtuais podem ser utilizados como um local de expressão de conflitos mal resolvidos e, até mesmo, de repetição neurótica. Mas podem também servir de auxílio ao possibilitar a elaboração subjetiva, a prática de aspectos desconhecidos do eu e habilidades sociais pouco desenvolvidas.

Um exemplo é a *deep web* (traduzida como web profunda), espaço que concentra a maior parte do conteúdo da rede, mas que não aparece nos buscadores comuns, como Google ou Yahoo. Por proporcionar total privacidade, a *deep web* é utilizada por pessoas ou instituições para abrigar arquivos sigilosos, que não podem ser publicados na “internet convencional”. Sendo utilizada para diversos fins, essa parte obscura da web é repositório de coisas bizarras e atrocidades, como pornografia infantil e contratação de assassinos de aluguel. (TECMUNDO, 2016)

2.2 O LUGAR DO DESEJO E DA FANTASIA NOS RELACIONAMENTOS VIRTUAIS

A internet trouxe consigo novas possibilidades de viver, diminuindo as distâncias, permitindo a troca de conhecimento pelo mundo, mudando as formas de se relacionar, impactando a construção da personalidade e, conseqüentemente, a subjetividade. Segundo Zygmunt Bauman (2004), as relações amorosas atuais são pautadas pelo conceito de redes, em que se pode conectar ou desconectar a qualquer momento, evitando o sofrimento e a perda.

A grande aposta é que a subjetividade e a singularidade vêm sendo deixadas de lado para que homogeneização característica do capitalismo ganhe espaço. Um exemplo são os sites de relacionamento responsáveis por uma grande parcela do mercado de conteúdos pagos da internet. Esses sites permitem que o indivíduo procure pelo par perfeito por meio da racionalidade de questionários e combinações de características, evitando as angústias características do amor romântico que ocorre de forma aleatória e impulsiva. (ILLOUZ, 2011)

O processo de fantasiar e de buscar alguém é o processo de definir uma lista de atributos abstratos e incorpóreos, antes de um encontro efetivo - o qual, por sua vez, supõe-se que corresponda ao ideal desejado pelo indivíduo, com base em seu conhecimento de suas necessidades e seus próprios atributos de personalidade. Ao contrário da imaginação romântica, que se baseava no corpo e que era da ordem do que Merleau-Ponty chamava de sentir, a imaginação da internet é da ordem do conhecer, que esvazia a percepção de seu pano de fundo existencial. (ILLOUZ, 2011, p. 14)

Fridman (1999) aponta que, na esfera dos relacionamentos, observa-se a presença do desencaixe nas relações sociais. Se antes os contatos humanos ocorriam por meio do contato físico, atualmente, a atividade social passou a transcorrer em

grandes distâncias, o que é auxiliado pela internet. Os relacionamentos virtuais têm como pressuposto a descorporificação, que livra os internautas das barreiras impostas pela realidade física, tendo como consequência a possibilidade de valorização do eu autêntico do outro.

Os sites de relacionamento possibilitam aos usuários conhecer outros com perfis compatíveis, mas, antes, deve-se passar um processo de auto-observação reflexiva, introspecção, autorrotulação e expressão de gostos e opiniões. Esses passos terminam com a criação do perfil pessoal, que é exibido a uma plateia abstrata e desconhecida, constituída pelos outros usuários. Todo esse processo faz do eu algo semelhante à exibição de uma mercadoria, passível de “escolha” ou “descarte”.

Esse quadro revela uma mudança do romântico. A singularidade que a todo tempo é exaltada no amor romântico, em que uma pessoa é tida como única e inigualável, é trocada pela ideia de abundância, racionalização e escolha do namoro em rede de computadores. O romântico tornou-se consumível.

Cada vez mais os indivíduos têm deixado de lado sua subjetividade para assumirem papéis mais aceitáveis culturalmente. Illouz (2011) aponta, em suas pesquisas, que os perfis de sites de relacionamentos são genéricos, “baseados nos roteiros culturais da personalidade desejável” (p.119), quando, na verdade, deveriam evidenciar justamente o que os fazem diferentes.

No processo de apresentação pessoal, a imagem adquire caráter determinante, por meio da fotografia ao lado do perfil. Apesar do eu descorporificado, o corpo e a beleza mantêm sua força, e as técnicas de autotransformação corporal tornam possível “retocar” as fotografias para que se encaixem no padrão estético dominante.

A abundância de parceiros potenciais obriga as pessoas a desenvolverem técnicas de padronização das conversas, como o envio da mesma mensagem a pessoas por quem se interessam, tornando os encontros românticos repetitivos. Há uma preponderância da racionalização e do conhecimento intelectual textual, ao contrário do amor romântico, que se baseava nas sensações e no sentimento irracional e espontâneo.

3 CONCLUSÃO

Neste trabalho, abordou-se o conceito de fantasia como realização alucinatória do desejo. As mídias sociais foram analisadas como uma possibilidade de realização das fantasias. Ao longo deste artigo, verificou-se que as oportunidades oferecidas pela rede são diversas e que atravessam a subjetividade contemporânea, promovendo transformações, introduzindo um novo discurso e uma nova maneira de se relacionar com o outro.

Viu-se que a contemporaneidade trouxe consigo as incertezas nas instituições que antes forneciam base para sociedade. Se antes as pessoas contavam com o apoio social de igrejas, família, comunidade, hoje se tem o desmoronamento das certezas, levando as pessoas a se sentirem cada vez mais sozinhas. Isso se iniciou com a globalização, processo que encurtou as distâncias físicas que antes pareciam barreiras intransponíveis. Os núcleos familiares tradicionais se modificaram, constituindo novas dinâmicas. Comunidades dispersaram-se. Houve uma crise de referências, que podemos nomear de crise paradigmática, perda de verdades oraculares ou, de forma mais específica, deixando as pessoas vulneráveis no processo de identificação. Nesse espaço de solidão, surgiu com as mídias sociais a possibilidade da conexão com as pessoas distantes, em um curto espaço de tempo. A realidade dessa questão é que muitas vezes as pessoas buscam preencher a solidão, conectando-se a todo o momento, não sabendo lidar com a introspecção, tão necessárias para a construção da identidade.

Nesse âmbito, os relacionamentos virtuais inauguraram uma nova concepção de interação romântica, que, como visto, segue o padrão capitalista de consumo, em que os indivíduos se exibem nos sites de relacionamentos como se estivessem numa vitrine, em franca competição com os outros. Isso ocorre a partir da anulação do corpo, pois esse se apresenta com um obstáculo físico, que não existe na rede. Observa-se nesse fenômeno a mudança de paradigmas em relação ao romântico e a crescente objetificação e banalização do amor.

A partir do que foi apresentado, podemos levantar a hipótese de que, de fato, as redes de comunicação, destacando-se as mídias sociais, são determinantes na

constituição da identidade do sujeito contemporâneo. Devido a isso, um dos grandes atributos das mídias sociais é a oportunidade de praticar as fantasias, que de outra forma não podem ser realizadas. Nos MUDS, como no Second Life, ou através da criação de perfis *fakes* nas redes sociais, o sujeito pode assumir uma identidade que ele gostaria de ter e atuar de acordo com sua vontade, sem as restrições ou censuras da vida real. Não se deve encarar as mídias sociais como negativas, pois podem ser um meio para a elaboração de aspectos do eu, do desenvolvimento de habilidades sociais e de exploração de qualidades desconhecidas, mas, ao mesmo tempo, podem servir para a repetição de comportamentos pouco saudáveis.

FANTASY, DESIRE AND SOCIAL MEDIA, A LOOK OF PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT:

This study deals with the fantasy concept addressed by the psychoanalytical approach and aims to investigate it as hallucinatory fulfillment of a wish which is realized through virtual reality. This phenomenon, present in modern times and observed in this study through the agreements and disagreements of the subject in social media, or in virtual relationships. We discuss how this distorted reality interfere in the constitution of subjectivity. The research is theoretically supported by authors who base their studies on the work of Freud and Lacan, where we understand the determination of unconscious mechanisms that drive the desire for a form of relationship to compensate for the dissatisfaction of the real world. We are led to understand that this practice takes place in our civilization and in her history as a device that fulfills in a false way to the desire to be happy, own all mankind. We end the study emphasizes the need to seek the desire to know about the place that these forms of communication and relationships take the life of this subject and how the media affect the interrelations in contemporary times, ensuring their subjectivity and preventing him from having access to new ways to face their difficulties in day-to-day.

Keywords: Psychoanalysis. Fantasy. Social medias.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ESPEZIM, A; REMOR, C. **Uma estrutura de verdade no virtual e na fantasia: A tecnologia como resultado**. Associação Educacional Dom Bosco, Rezende, Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2009. Disponível em: <[http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/536_ArtigoTIC_SEGET_\[3\].pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/536_ArtigoTIC_SEGET_[3].pdf)> Acesso em 26 jun. 2015.

FREUD, S. Cinco lições de Psicanálise. In: _____. **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p.27-43. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XI)

FREUD, S. Conferência XXIII: Os caminhos da formação do sintoma. In: _____. **Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, p. 361-378 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVI)

_____. Escritores Criativos e Devaneios. In: _____. **Gradiva de Jensen e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p.135-143. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. IX)

FRIDMAN, L. C. **Vertigens Pós-Modernas**. *Lua Nova*, São Paulo, n. 47, p. 157-177, 1999.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos de capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

JORGE, M.A.C . **Fundamentos da Psicanálise**. De Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

OTERO, C. **Os laços sociais na era virtual: um novo discurso?** Dissertação (Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade). Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro 2013.

QUINET, A. **Psicose e laço social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TECMUNDO. **TecMundo Explica**: o que é essa tal de “Deep Web”? Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/tecmundo-explica/74998-tecmundo-explica-tal-deep-web.htm>.> Acesso em 10/10/2016.

TURKLE, S. (2012). **Conectado, mas só?** Disponível em: <http://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together?language=pt-br.> Acesso em: 27 jun. 2015.